

Diário Notícias

14-08-2013

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 56361**Temática:** Sociedade**Dimensão:** 1479**Imagem:** N/PB**Página (s):** 1/10/11

Floristas e farmácias já trocam manuais escolares

INICIATIVA Há três anos Henrique Cunha, professor de Matemática, criou um banco de troca de manuais escolares. Já foram trocados mais de um milhão de livros em 152 locais espalhados por todo o País. **PAÍS** PÁGS. 10 E 11

UMA IDEIA VIRAL

A ORIGEM

» **Início** Sétimo de sete irmãos, Henrique Cunha aprendeu em casa que os manuais são para estimar e reutilizar. Uma ideia que o professor de Matemática tentou sempre passar aos alunos do seu centro de explicações, no Porto, pedindo para deixarem os livros de que já não precisam. Em agosto de 2011 resolveu alargar o pedido no Facebook. A ideia tornou-se viral e em 15 dias correu o País.



DE UM A 152 EM DOIS VERÕES

» **Explosão** Com amigos de conhecidos de amigos a partilhar o pedido de manuais, Henrique Cunha foi inundado de livros. E logo surgiram também pedidos de pessoas com disponibilidade para abrir novos bancos. Paula Cascais, do restaurante Bem-Me-Quer, em Lisboa, foi a primeira, e 2011 fechou com 16 bancos. No ano passado apareceram mais 90 e em setembro resolveram oficializar a coisa, sob a designação Reutilizar – Movimento pela Reutilização dos Livros Escolares. Atualmente há 152.

ONDE ENCONTRAR OS BANCOS

» **Locais** De juntas de freguesia e bibliotecas municipais a floristas e restaurantes, é possível encontrar bancos de trocas nos locais mais improváveis. A página do movimento – ww.reutilizar.org – tem a lista de todos, indicando os que estão abertos todo o ano e os que só abrem no verão. A página na rede social Facebook também vai dando conta das reativações, novas aberturas e notícias sobre o movimento.

Da farmácia à florista à procura de livros escolares

Manuais. Bancos de troca gratuita cresceram 43% no último ano e já movimentaram um milhão de livros, estima o fundador

PATRÍCIA JESUS

Com um filho no 8.º ano e outro no 11.º, e com o mais velho já na faculdade e portanto fora destas contas mas a pesar noutras, a futura dos livros escolares de Alcina Ló ultrapassa facilmente os 300 euros. Mas este ano ainda não comprou nenhum. “E já só me faltam uns quatro”, diz, com mais três conseguidos na farmácia. Estranho? Na verdade, encontrou-os no banco de troca de manuais da Farmácia Reis Oliveira, em Lisboa. Alcina trouxe uma pilha para dar e sai os “novos”, o equivalente a menos 40 ou 50 euros na fatura. Este é um dos 152 bancos do Movimento pela Reutilização dos Livros Escolares, que nasceu há apenas dois anos e já se espalhou pelo País.

Agosto é mês de aniversário e serve para comemorar o crescimento desta ideia de partilha sustentável: de uma mensagem no Fa-

cebook e 16 bancos em 2011 para 106 no ano passado e mais 43% até aos 152 já este ano. Um milhão de livros já terá passado por estes bancos, estima o fundador, Henrique Cunha. Vão para as famílias que precisam ou para lares mais ricos, porque a ideia é promover a reutilização universal. Quando já não servem vão para o Banco Alimentar, para trocar por comida.

Já existe pelo menos um banco por distrito no continente, em três ilhas açorianas e só falta a Madeira. E se há muitos em escolas e bibliotecas, já com o apoio das autarquias, também há os que nasceram da vontade de ajudar de particulares, em centros de explicações, lojas de roupa e sapatarias, restaurantes e supermercados, consultoras, clubes de futebol, floristas, garagens, engomadoras ou gabinetes de estética.

27 euros
Preço médio dos manuais no 1.º ciclo, os anos mais baratos.

Não é difícil imaginar que começaram muitas vezes com uma conversa atrás do balcão, como na Farmácia Reis Oliveira. A discussão começou no preço dos livros e nas dificuldades das famílias e acabou com um telefonema para Henrique Castro. “Nós andamos sempre a inventar e tínhamos o espaço e a disponibilidade. Começámos há exatamente

um ano com os livros dos filhos das funcionárias da farmácia e no próprio dia em que o Henrique anunciou a abertura do banco apareceram pessoas a deixar livros”, recorda Mafalda Aleixo.

No início, pensaram que podiam guardar os livros na farmácia, mas rapidamente perceberam que era preciso ocupar o armazém ao lado. Depois do caos do primeiro verão, o espaço foi organizado no inverno e se não fossem os potes antigos e as batas a evocar a farmácia, mais parecia uma biblioteca. Uma estante para cada ano, filas de livros iguais e uma funcionária, Elisabete Pereira, que olha para as listas que os pais e os próprios jovens trazem como se fossem receitas e sabe o que têm e o que não têm. “Há pessoas precisam de dez livros e saem daqui com oito. E há pessoas que vêm todos os dias ver se alguém deixou aquele livro que precisam”, conta Mafalda.

Cecília Vieira não teve sorte nenhuma no ano passado, mas vem tentar novamente. “O meu filho repetiu o 7.º ano e os livros eram todos diferentes. Não consegui aproveitar nenhum nem encontrei nada. Imagine a despesa”, explica esta mãe de três, com dois já na universidade. Desta vez traz a lista no iPhone e pouca esperança. Mas a busca liderada por Elisabete vai



dando resultado. “Olhe que bom, está excelente”, elogia, ao receber um livro, as marcas de uso resumidas a pequenos autocolantes coloridos a marcar os resumos da matéria. Em cinco minutos encontra quatro manuais, menos 60 euros que vai ter de gastar.

Estimados e até novos “Há crianças que estimam muito os livros”, diz Elisabete. E nas prateleiras há manuais novos, ainda embalados, que os professores trazem, aponta Mafalda. Os do 1.º ciclo são os que parecem de facto usados, com os exercícios feitos pelos mais pequenos a lápis e classificados a vermelho pelos professores. Muitos ainda têm autocolantes com o nome do anterior dono. Mesmo as-

sim há pais que preferem levar os livros e passar o fim de semana a apagar tudo, diz Mafalda.

Os do 7.º ano eram os mais difíceis de arranjar no ano passado, porque o programa mudou e os anteriores não serviam. Este ano são os do 8.º e alguns do 10.º. Às vezes os do secundário não são fáceis, porque os jovens não dão os livros até entrarem para a universidade. E em concelhos em que as autarquias dão os livros do 1.º ciclo, como Sintra e Odivelas, estes sobram para os concelhos ao lado.

Alcina comprou sempre os livros para os mais pequenos – “porque são mais baratos” – mas ensinou os filhos a tratar bem os manuais que vão servir para os irmãos ou para os filhos dos amigos dos.

SOLIDARIEDADE

Toneladas para o Banco Alimentar

» **O que acontece aos manuais** que já passaram de prazo, ou seja, que já não são reutilizáveis porque já não servem em nenhuma escola portuguesa? O Movimento pela Reutilização dos Livros Escolares estabeleceu um protocolo de colaboração com o Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares, e sugere que todos os bancos encaminhem estes livros para a campanha “Papal por alimentos”. Graças a uma parceria que a

federação estabeleceu com a Químa, empresa de recolha e recuperação de desperdícios, cada tonelada de papel recolhido vale 100 euros em alimentos. O banco de trocas da Boavista, no Porto, enviou 20 toneladas de livros no ano passado, explica Henrique Castro. Foi isso que fizeram no ano passado na Farmácia Reis Oliveira, em Lisboa, onde este ano estão também a estudar a possibilidade de enviar esses livros para Moçambique.

COMO AJUDAR

► **Iniciativa** Pode deixar os manuais escolares de que já não precisa nos bancos – embora sejam de trocas, não precisa de dar livros para poder levantar ou vice-versa. Ou pode ainda, se tiver espaço e disponibilidade para receber e entregar livros, contactar a sede do Movimento pela Reutilização dos Livros Escolares para abrir o seu próprio banco. As trocas não envolvem dinheiro e qualquer pessoa pode ir a um destes locais, tendo ou não carências económicas.

OUTROS PROGRAMAS

► **Campanhas** Apesar de este movimento ter mais visibilidade, por já agrupar muitos bancos, há outras iniciativas a nível local, com vários anos. As freguesias de Santa Maria de Belém e de S. Francisco Xavier, em Lisboa, lançaram o “Dê p’ra troca” em 2009, por exemplo. Instituições de solidariedade social e paróquias também têm programas de apoio para famílias com dificuldades. É o caso da Associação Jerónimo Usera, que recolhe livros e distribui por famílias carenciadas.

3 PERGUNTAS A...

HENRIQUE CUNHA
Fundador do Movimento

“Mais de 120 são promovidos por mulheres”

O Movimento pela Reutilização de Livros Escolares não pergunta se as famílias têm dificuldades, é para todas. Aliás, é mesmo contra a ideia de dar só livro a famílias carenciadas. Porquê? Nunca foi essa a nossa preocupação, de fazer ação social, mas verdade seja dita que uma das razões para o sucesso da iniciativa é o facto de vivermos uma crise gravíssima e muita gente não ter mesmo outra alternativa. Mas a reutilização dos manuais é uma questão de educação e de consumo racional de recursos, que deve ser ensinada na escola, tal como se ensina a separação do lixo para reciclar. Nos 3 Rs [da sustentabilidade] reutilizar vem antes de reciclar. **Isso reflete-se nas pessoas que procuram os bancos?** Sim, porque a ideia do movimento é demonstrar pela prática que a troca de manuais é para todos, não é nem só para ricos nem para remediados ou

pobres. No banco da Boavista [o banco de trocas que gere no Porto], onde cresci, conheço as pessoas que lá vão e sei que muitas não são pessoas que precisam. Aliás, subindo o nível educacional e financeiro sobem as práticas de reutilização. Dizer que é só para pobres é criar um estigma, que o Governo veio reforçar com a bolsa de manuais escolar para os alunos com ação social escolar.

Já conseguiram mobilizar muitas autarquias e escolas, mas também há muitos particulares que dão o seu tempo. Qual é o perfil de quem adere? As autarquias, juntas de freguesias e escolas têm outros meios para divulgar e acabam por ter mais alcance e devia ser esse o caminho. É muito bom quando se associam à ideia e lançam espaços. Mas o facto de aparecer muita gente que gosta e quer fazer, quer dar o seu tempo, na sua loja no seu negócio, é a parte romântica deste movimento, que é um movimento informal de cidadãos. Não vamos salvar o mundo, mas fazemos qualquer coisa. Aderiu quem tem mais sensibilidade para o problema, as mulheres. É curioso que mais de 120 bancos são promovidos por mulheres.

Alunos com ação social escolar vão receber livros usados

LEGISLAÇÃO A Assembleia da República aprovou em setembro de 2011 um projeto de resolução conjunto do PSD e CDS para que o Governo regulasse o empréstimo de manuais escolares, uma medida que estava há algum tempo na gaveta. O diploma publicado a 6 de setembro do ano passado veio estipular que essa bolsa abrange apenas os alunos apoiados pela Ação Social Escolar, o que levantou algumas críticas de pessoas como Henrique Cunha, que considera que isso aumenta “o estigma de que os livros usados são só para os pobres”.

O documento define que o apoio da ação social em relação aos manuais escolares “é sempre feito a tí-

tulo de empréstimo, ocorrendo a comparticipação para a aquisição de novos manuais só depois de esgotado o recurso à bolsa de manuais”. Cada escola é responsável por gerir este empréstimo e algumas já pediram aos encarregados de educação para devolverem os livros este ano.

Esta bolsa de manuais é constituída pelos livros devolvidos pelos alunos que os receberam através da ação social e que se encontram em estado de conservação adequado à sua reutilização, de acordo com as especificidades das disciplinas. Para isto, alunos e pais comprometem-se a conservar os livros e são responsáveis por substituí-los em caso de extravio ou deterioração.



VITOR BIDS GLOBAL IMAGENS



Alcina trouxe uma pilha de livros ao banco da Farmácia Reis Oliveira. Cecilia traz a lista no iPhone. Na Florista Recanto de Encantos, os manuais já transbordaram para o quiosque em frente. Na Secundária de Oliveira do Douro, Isabel diz que “a iniciativa faz parte dos alicerces de vida que devemos ter”



LISA SOARES GLOBAL IMAGENS

pais. “É a primeira vez que aqui venho. Descobri por uma amiga com quem costumo trocar livros”, explica. Para esta mãe, deviam ser as próprias escolas a promover estes valores e a incentivar as trocas.

Uma ideia em linha com o que defende o fundador do movimento, Henrique Cunha. Cada ano letivo movimentam milhões de livros, dos quais apenas uma pequena parte são reutilizados, lembra. “Os livros dos alunos do 9.º ano deviam servir para todos os alunos do 9.º no ano seguinte”, indica. O explicador reconhece que a crise deu muita força ao projeto, mas salienta que esta não é uma solução apenas para os pobres, até porque as famílias mais carenciadas são, em teoria, abrangidas, pela ação social

escolar, que ajuda a comprar os livros (ver texto ao lado).

Ainda assim, na Florista Recanto de Encantos, em S. Marcos, Sintra, a procura é muito fomentada pelo “enorme desemprego” num bairro que tem quase 18 mil pessoas, diz Sara Tomás. Na loja os livros estão escondidos em todos os recantos, mas já ocuparam o quiosque em frente, cedido pelo centro comercial. O dia é de arruações. “Parece que não mas são centenas de euros que estão aqui”, aponta Sara, enquanto algumas amigas a ajudam a organizar as pilhas. O trabalho é muito mas recompensador, diz Sara, que no ano passado conseguiu descobrir os livros para um par de gémeos de Viseu. “Os avós contaram-me que a

filha estava separada e desempregada. Encontrei todos os livros e mandei por correio”, conta.

Tal como nos casos anteriores, também na Secundária de Oliveira do Douro é uma mulher que está à frente do banco criado há um ano. Isabel Pinheiro trabalha como administrativa na escola e teve conhecimento desta ação pelo Facebook. “Falei com o diretor e a resposta foi imediata, porque não teve esta ideia mais cedo?”. A adesão tem sido ótima. “As famílias têm conhecimento desta iniciativa pelas redes sociais e na comunicação social, por isso há cada vez mais pessoas a participarem, recebemos famílias de todos os estratos sociais, o que é maravilhoso”, com M.C.